

**Estratégias de personalização dos apresentadores de TV:
um estudo em um telejornal brasileiro**

Strategies of personalization of TV news anchors. A study of a Brazilian newscast.

Yvana Fechine
UFPE

RESUMO/ ABSTRACT

Este trabalho discute como, a partir de variadas estratégias de personalização, os apresentadores de um telejornal brasileiro, o SPTV (veiculado no Estado de São Paulo pela Rede Globo), conquistam maior credibilidade junto ao público e, respaldados pela sua audiência, colocam a si próprios como atores nos fatos que noticiam. Na maioria dos telejornais da própria Rede Globo, o apresentador, mesmo dirigindo-se diretamente à audiência, não assume o discurso que profere como seu, nem atua em seu próprio nome. Há uma clara distinção entre este indivíduo singular (um “eu” individual) e seu papel público, o de representante ou “porta-voz” de um *broadcaster* (um “não-eu”). No SPTV, ao contrário, investe-se na oscilação dos apresentadores entre um “eu” individual e um “não-eu”, produzindo um discurso mais pessoal e, por isso mesmo, de maior empatia com o público em nome do qual passam, num segundo momento, a falar. Nesse trabalho o que pretendo é discutir como se dá, a nível enunciativo, todo esse processo semiótico.

This essay discusses how, starting from a variety of strategies of personalization, the anchors of a Brazilian newscast, the SPTV (broadcast in the state of São Paulo on the Globo Network), conquer more credibility with the public and, supported by ratings, cast themselves in the position of actors as part of the news they are broadcasting. During the majority of the news programs broadcast on the Globo Network, the anchor directly addresses the audience, but does not embody the speech he is reading as his own, and he doesn't perform under his own name. There is a very clear distinction between this very singular character (an individual persona) and his public character, the character of a representative of a newscast anchor or a spokesperson (a “non-self”). On SPTV, to the contrary, the network invests in the oscillation between those two characters: the individual persona and the “non-self”, producing a more personal and casual speech and, for this very reason, more empathy with the audience for whom they are supposed to be newscasting. In this essay, my intention is to discuss the semiotic process of how these pulling forces unite in the annunciation of a broadcaster.

1. O objetivo do estudo

A preocupação que norteia, em última instância, este trabalho é o modo como, através dos mais variados formatos de programas jornalísticos, a televisão brasileira tenta, cada vez mais, mostrar-se ao telespectador como o espaço público por excelência, o “lugar” no qual se deve dar agora o embate entre instituições e atores sociais. Esta estratégia permeia desde programas assumidamente popularescos, como o *Linha Direta* (Rede Globo), que se dispõe a “caçar” foragidos da justiça com a ajuda dos telespectadores, até os telejornais mais conservadores (pautados ainda pelo mito da “imparcialidade”), como o *Jornal Nacional* (também da Rede Globo), que se propõe agora a revelar escândalos e a liderar verdadeiras campanhas pela apuração dos casos de corrupção. As estratégias utilizadas por esses programas de TV para intervir diretamente na própria realidade que noticiam são as mais variadas possíveis. Destacarei aqui apenas uma delas, a partir do estudo de um telejornal veiculado em São Paulo, o SPTV, que, em função dos altos índices de audiência conquistados, foi adotado como modelo para edições locais das demais filiais da poderosa Rede Globo no restante do país. Trata-se da estratégia de personalização dos apresentadores, um dos

fatores determinantes na construção de uma maior empatia e credibilidade do telejornal junto aos paulistanos. Conscientes do respaldo que os âncoras do SPTV construíram junto à sua audiência, justamente através desse seu personalismo, homens públicos (políticos, empresários, políticos, representantes de órgãos governamentais, etc.) são forçados agora a dar explicações e assumir compromissos perante os apresentadores do telejornal como se estes fossem as autênticas instâncias às quais devem prestar contas. Paradoxalmente, essa autoridade dos apresentadores do SPTV começa a ser construída quando estes, entre outras coisas, passam a assumir o discurso que proferem como sendo seu e, respaldados pela sua audiência conquistada, colocam a si próprios como atores nos fatos que noticiam. Na maioria dos telejornais da própria Rede Globo, o apresentador, mesmo dirigindo-se diretamente à audiência, não assume o discurso que profere como seu, nem atua em seu próprio nome. Há uma clara distinção entre este indivíduo singular (um “eu” individual) e seu papel público, o de representante ou “porta-voz” de um *broadcaster* (um “não-eu”). No SPTV, ao contrário, investe-se na oscilação dos apresentadores entre um “eu” individual e um “não-eu”, produzindo um discurso mais pessoal e, por isso mesmo, de maior empatia com o público em nome de quem passam, num segundo momento, a falar. Nesse trabalho o que pretendo é discutir como se dá, a nível enunciativo, todo esse processo.

2. Descrição do *corpus* de análise

O programa televisivo que será abordado neste trabalho, o SPTV, é um telejornal local voltado, prioritariamente, para a cidade de São Paulo (a maior do Brasil); o que já define, por si só, uma linha editorial fundada no apelo jornalístico à proximidade. O SPTV é produzido e veiculado apenas no Estado de São Paulo como parte da grade de programação da Rede Globo, a principal emissora de televisão do Brasil. Há, na programação geral da Rede Globo, quatro horários reservados a transmissão de telejornais nacionais: o “Bom dia Brasil”, logo no início da manhã; o “Jornal Hoje”, no início da tarde, o “Jornal Nacional”, às 20 horas, e o “Jornal da Globo”, no final da noite. Com exceção do último, todos os outros três outros noticiários nacionais são precedidos por edições locais, que obedecem ao mesmo padrão da Rede, mas que possuem relativa autonomia. No caso de São Paulo, temos o “Bom dia São Paulo”, o “SPTV-1a. Edição”, às 12 horas, e o “SPTV-2a. Edição”, às 19 horas, que antecedem, como nas demais filiais da rede Globo, as três grandes edições nacionais. Tanto na programação nacional quanto na regional, é reservado um maior tempo de duração aos telejornais transmitidos no início da tarde (cerca de uma hora incluindo os intervalos publicitários), o que permite uma formatação mais distendida, mais aos moldes de uma revista. Com o SPTV-1a Edição não é diferente.

Tirando proveito do maior tempo disponível e da maior liberdade expressiva concedida pela Rede aos telejornais do início da tarde, o SPTV-1a. Edição inaugurou, desde fins de março de 1998, um novo formato, declaradamente, preocupado em buscar maior identificação e empatia com o morador de São Paulo e com seus problemas cotidianos. Prova disso está logo no início do telejornal que costuma colocar no ar, após as chamadas das principais notícias do dia, o depoimento dos mais diferentes moradores de São Paulo (vendedores, mecânicos, estudantes, etc.) repetindo sempre a mesma declaração: “São Paulo é o meu pedaço. Está na hora do SPTV”. O novo formato do SPTV privilegia ainda mais as transmissões diretas (entradas *ao vivo*), a participação de convidados no estúdio e a capacidade de improvisação dos seus apresentadores, notadamente do jornalista Chico Pinheiro que, embora seja acompanhado na transmissão por uma outra apresentadora, a jornalista Mariana Godoy, é quem faz as vezes de âncora do SPTV.

Acompanhei o SPTV ao longo de dois meses, de 18/02/99 a 17/04/99, na tentativa de identificar e descrever as estratégias enunciativas através das quais se operacionaliza esta busca de uma maior aproximação do telejornal com São Paulo e com os paulistas. A discussão das estratégias de personalização dos seus apresentadores, aqui proposta, é apenas uma parte desse estudo, que acabou se tornando bem mais abrangente. A idéia inicial era acompanhar o SPTV por, no máximo,

15 dias. A escolha do período de gravação, a partir do dia 18/02/99, não teve nenhuma motivação em particular: a única preocupação foi iniciar a observação após o período de carnaval quando o país, e conseqüentemente o noticiário, deveria retomar o seu ritmo normal. Nesse período, o engajamento do SPTV na cobertura de um grande escândalo de corrupção, envolvendo os vereadores de São Paulo, motivou-me a estender o período de observação, muito embora a análise aqui realizada esteja apoiada principalmente nas trinta edições entre 18/02/99 e 24/03/99.

No período de observação, três grandes temas — corrupção, enchentes e violência — monopolizaram a cobertura jornalística do SPTV. O primeiro deles foi a deflagração de uma série de denúncias de corrupção contra alguns vereadores de São Paulo. Responsáveis pelo controle das administrações regionais (espécie de sub-prefeituras) de São Paulo, os vereadores foram acusados, por comerciantes ambulantes (camelôs), de chefiarem um esquema de cobrança de propinas para permitir a instalação de barracas em áreas proibidas. As denúncias, divulgadas em primeira mão pelo SPTV, acabaram por deflagrar a instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) na Câmara Municipal para investigação do que ficou conhecido como a “máfia dos fiscais”. No período de observação do telejornal, o SPTV deflagrou uma verdadeira campanha, comandada pelo âncora Chico Pinheiro, em prol da punição dos vereadores corruptos. No mesmo período, São Paulo também foi castigado por pesados temperais que provocaram inundações e alagamentos em toda cidade, inclusive com vítimas fatais. Mais uma vez, o SPTV “comprou a briga”, fazendo cobranças veementes à Prefeitura de São Paulo. Também mereceu destaque, nesse período, o grande aumento da violência em São Paulo, principalmente contra menores. Neste tema, a cobertura da execução de três adolescentes pela própria polícia militar recebeu, mais uma vez, um tratamento extremamente passional¹.

Provavelmente pelo grande apelo jornalístico desses três grande eixos temáticos, uma característica chamou, de imediato, a atenção na análise do *corpus* escolhido: há em cada edição a escolha de um tema principal em torno do qual se estrutura o telejornal. Os convidados em estúdio estão sempre, de algum modo, relacionados a este tema. Geralmente, são personagens das próprias reportagens convidados a, *ao vivo* no estúdio, acrescentar algo mais sobre o assunto em pauta, são especialistas que tentam interpretar/comentar o tema proposto ou são autoridades convocadas a apresentar explicações e soluções para o problema levantado. A frequência e a quantidade de tempo dedicada à transmissão direta das informações, seja através das unidades móveis ou das participações no estúdio, é outra característica marcante do SPTV-1a. Edição. Toda a transmissão é pontuada por entradas *ao vivo* dos repórteres e por entrevistas, conduzidas preferencialmente por Chico Pinheiro, com os convidados no estúdio. Nas transmissões diretas externas, ele também costuma “conversar”, através de um grande monitor instalado no estúdio, com os próprios repórteres sobre o assunto que apresentam, assim como também dirige perguntas aos entrevistados que estão ao lado dos enviados especiais no local de transmissão. É a Chico Pinheiro também que cabe a maioria das opiniões e comentários proferidos ao longo do SPTV.

3. Apresentação do problema

A mudança no formato do SPTV teve, declaradamente, a intenção de “vender” o telejornal como um instrumento democrático de construção da cidadania, veiculando informações que o telejornal julga ser de interesse público. Esta intenção foi apontada pela própria equipe responsável pelo telejornal em reportagens divulgadas na mídia impressa sobre o SPTV. Mas, nem seria necessário recorrer a estes outros textos para encontrar a explicitação dessas intenções. Estas são manifestas, reiterada e diretamente, no próprio telejornal através, por exemplo, dos comentários dos seus apresentadores. São muitos os fatores responsáveis pelo sucesso desse projeto editorial do SPTV, demonstrado tanto na melhoria nos índices de audiência quanto na ampla repercussão das

¹ É evidente que o modo como o SPTV “constrói” todos estes acontecimentos mereceria uma outra análise. Não desconheço nem a necessidade, nem a importância dela, mas o objetivo deste trabalho é bem mais específico.

coberturas realizadas pelo SPTV: pautas que privilegiam os problemas cotidianos da população (transporte, violência, etc.), muita prestação de serviço (anúncio de vagas de empregos, por exemplo), a criação de espaços para debates entre representantes das comunidades e dos órgãos públicos, etc. Muito, porém, desse bem sucedido projeto de construção de maior aproximação e identificação com o público pode ser tributado à estratégias bem claras de construção de efeitos de subjetividade no discurso. No caso específico do SPTV, estes efeitos de subjetividade estão diretamente relacionados a um deliberado processo de personalização dos seus apresentadores e repórteres, através do qual se busca criar um clima de maior intimidade e proximidade entre estes e o espectador.

Estas estratégias de personalização dos apresentadores merecem particular atenção no estudo do SPTV porque, fiéis ainda a pressupostos que norteiam mais o jornal que a própria TV, a maioria dos telejornais da própria Rede Globo resiste ainda a qualquer projeto de subjetivação do discurso. Buscam, ao contrário, uma pretensa “objetividade jornalística” recorrendo, entre outras coisas, à diluição da “voz” do apresentador em meio ao conjunto de “vozes” que o compõe. Metaforicamente, pode-se comparar o telejornal, no seu conjunto, como uma grande “história”, dividida em pequenas outras e contada por um coro uníssono no qual as diferentes vozes se somam para produzir o efeito de uma só: em outros termos, um macro-enunciado produzido por um enunciador impessoal ainda a serviço de uma propalada imparcialidade. Embora com novos matizes, é este o modelo que se vê ainda, na própria Rede Globo, justamente no mais importante dos seus telejornais, o “Jornal Nacional”, transmitido para todo o Brasil. Por mais que seja tratado no universo extra-lingüístico como uma “estrela”, nos telejornais mais convencionais, o apresentador jamais faz referência ao seu próprio papel, a si ou a quem quer que ele represente: ele nunca “fala”, de modo explícito, em seu próprio nome e raramente fala em nome da própria equipe de produção do telejornal. Pelo contrário. O apresentador é um delegado imediato do sujeito enunciativo que se manifesta explicitamente no enunciado (ele é a “cara” do telejornal), mas ao qual não se pode atribuir o ponto de vista do discurso.

Nos telejornais de formato mais convencional, como o emblemático “Jornal Nacional”, o apresentador funciona basicamente como um “operador de passagens” que, mesmo dirigindo-se diretamente à audiência (faz isso olhando para a câmera), não se assume perante esta como um narrador propriamente dito, pois não se apropria do discurso como sendo seu e, pelo contrário, esforça-se para não demonstrar qualquer envolvimento com os acontecimentos narrados. Suas intervenções verbais são, geralmente, construídas em terceira pessoa e são poucas as circunstâncias nas quais se permite demonstrar uma valoração pessoal através de outros sistemas semióticos (tom da voz, expressão facial, gestos, etc.). Como delegado mais imediato de um sujeito da enunciação coletivo, o apresentador de telejornal não costuma atuar em nome de si mesmo (enquanto indivíduo singular). Quando se observa os apresentadores de um telejornal com formato mais convencional, há uma clara distinção entre este indivíduo singular (um “eu” individual) e sua função pública, o de um representante ou “porta-voz” (um “não-eu”).

Em um telejornal como o SPTV, ao contrário, investe-se deliberadamente numa oscilação dos seus apresentadores entre um “eu” (indivíduo singular) e um “não-eu” (representante) (Cf. Landowski, 1999). Nessa oscilação, os apresentadores do SPTV aparecem, freqüentemente, aos olhos do telespectador muito mais como um “eu” individual do que propriamente como um *eu* impessoal, destinador implícito da enunciação. O resultado desse tipo de estratégia adotada pelo SPTV é uma inequívoca personalização dos seus apresentadores e, a partir dessa, uma tendência clara à produção de um efeito de subjetividade do discurso. Nesse trabalho o que pretendo é discutir, justamente, como se instaura, a nível enunciativo, essa personalização, cuja finalidade última é a construção de uma maior empatia entre o SPTV e o seu público-alvo, os moradores de São Paulo. Pretendo argumentar, ao longo do texto, que a aparição desse “eu” individual, que corresponde aqui ao que denomino como personalização dos apresentadores do SPTV, é o resultado de um imbricamento, de uma superposição ou de uma deliberada (con)fusão entre os actantes do

enunciado e da enunciação Trata-se aqui, em outros termos, de uma espécie de indistinção entre os atores instalados nas instâncias do enunciado e da enunciação que tentarei explicar melhor ao longo do texto.

4. O jogo de papéis

Na argumentação proposta aqui, considera-se como actantes da enunciação o *eu* e o *tu* que, como bem mostrou Benveniste, estão na base de qualquer ato discursivo. Este *eu*, destinatador implícito da enunciação (fonte do discurso), só possui existência frente a um *tu*, destinatário implícito da enunciação (destino do discurso). Estas instâncias de produção e recepção, origem e destino pressupostos da enunciação, são denominados, respectivamente, de sujeito *enunciador* (ou, simplesmente, enunciador) e sujeito *enunciatário* (ou, simplesmente, enunciatário). Tanto quanto a enunciação, os actantes deste nível são também instâncias conceituais, “sujeitos lógicos” ou papéis passíveis de figurativização apenas no nível mais concreto do enunciado. Neste caso, instauram-se no enunciado sujeitos delegados do enunciador e do enunciatário denominados, respectivamente, de *narrador* e *narratário*. Estes nada mais são do que “projeções”, simulacros ou figurativizações, construídos *no* e *pelo* próprio enunciado, do enunciador e do enunciatário, respectivamente. Se enunciador e enunciatário correspondem, de um lado, à posições actanciais situadas no nível da enunciação — da *realização* do discurso —, narrador e narratário correspondem, de outro, à posições actanciais situadas no nível do enunciado — do discurso *realizado*.

No esquema de papéis definidos tradicionalmente na teoria da enunciação, o enunciador e o enunciatário não podem ser confundidos com o autor e leitor empíricos. Estes últimos só podem ser levados em conta, no campo da enunciação, também a partir de seus simulacros: enunciador e enunciatário agora como simulacros do autor e leitor empíricos, dos indivíduos concretos que participam do circuito enunciativo/comunicativo. Por oposição a estes sujeitos empíricos (sujeitos de “carne e osso”), enunciador e enunciatário definem-se como “sujeitos semióticos” (“seres do discurso”) que correspondem, na verdade, a funções textuais, a “papéis”, a “posições” de subjetividade construídas pelo próprio texto. Podem ser definidos, enfim, como as “vozes” construídas pelo próprio texto ou como instâncias que substituem simbolicamente no texto seu autor e leitor reais. Se entendermos a própria enunciação como uma espécie de simulacro da comunicação construído *no* e *pelo* próprio texto, parece possível pensar em todos os atores envolvidos neste ato comunicativo como papéis envolvidos ora na instância da *realização*, ora na instância do *realizado*. Estes papéis corresponderiam assim, e respectivamente, aos actantes da enunciação e do enunciado, conforme o esquema a seguir:

Enunciador [**narrador** DISCURSO **narratário**] Enunciatário

Pensando as posições actanciais no caso específico do SPTV, pode-se postular que a representação empírico-comunicativa mais imediata do sujeito enunciador desse macro-discurso, que é o telejornal no seu conjunto, parece ser todo o *staff* de produção do telejornal (dirigentes regionais, jornalistas, técnicos, etc.) denominado, genericamente aqui de *broadcaster*. No nível do enunciado propriamente dito (o que se vê na tela), o narrador do SPTV corresponde, como em outros telejornais, à própria figura do seu apresentador (ou apresentadores). A exemplo de outros programas televisivos, o SPTV costuma também representar sua audiência, de tal modo que o narratário aqui está geralmente identificado com as suas figurativizações: com a presença do público no estúdio, com sonoridades de moradores de São Paulo, inseridas ao longo da transmissão, repercutindo os assuntos tratados ou com interpelações diretas do apresentador ao público (do tipo: “Você acredita no que disse o vereador?” “Vá até a janela e olhe o tempo”). Pelo mesmo caminho, também se pode considerar aqui o cidadão/morador de São Paulo como a representação empírico-comunicativa mais imediata do sujeito enunciatário do telejornal. Parece possível então definir, no

SPTV, o esquema de papéis, a seguir, no qual o termo “espectador” designa as diferentes figuratizações do morador de São Paulo instauradas no enunciado:

Broadcaster (*staff* do SPTV) [**Apresentador** TELEJORNAL **Espectador**] Cidadão (morador de São Paulo)

No telejornal, como em outros textos narrativos, é possível produzir efeitos de *proximidade* da enunciação realizando macro-embragens através da passagem de actantes de um nível a outro. Mas, o que se entende aqui como um imbricamento de papéis ou posições actanciais não se confunde com este tipo de mecanismo de linguagem. Não se confunde tampouco com a intercambialidade de papéis actanciais, tão freqüente na polifonia dos telejornais². A idéia de imbricamento aqui está, de modo geral, associada à noção de indistinção e superposição de instâncias e, nesse contexto específico, à (com) fusão desses papéis actanciais, ao “ofuscamento” de uns pelos outros: como se um fosse “encoberto” pelo outro, como se um estivesse no lugar do outro, quase como se um fosse o outro; mas sem que um prescindia do outro. Todo esse mecanismo parece muito próximo da própria noção semiótica de sincretismo³: um sincretismo dos próprios papéis actanciais envolvidos no circuito enunciativo, de tal modo que já não há qualquer “distanciamento” entre a fonte da enunciação (enunciador) e sua figurativização (o narrador). Diluem-se os limites entre uma e outra função/posição actancial e já não se distingue mais quem “fala” quando o apresentador do telejornal se dirige ao espectador: se um *eu*, actante coletivo da enunciação (o *broadcaster*), ou um “eu” individual que agora fala também por si (o jornalista “x” ou “y”).

O que acontece, então, quando este narrador-apresentador, que já se constitui em um *eu*, destinador implícito da enunciação, contraria os cânones da propalada “objetividade jornalística” e, explicitamente, diz “eu”? Para começar, podemos falar de um desdobramento actancial. Como já vimos, o *eu* instalado imediatamente no enunciado pela simples presença do apresentador nada mais é do que uma projeção do actante coletivo da enunciação (um “eu” enunciativo). Quando o apresentador diz “eu” é como se abandonasse a função comunicativa de “porta-voz”, distante e impessoal, deste actante coletivo da enunciação para colocar a si próprio como sujeito enunciador do discurso⁴. O apresentador-jornalista que, até então, era a figurativização mais imediata de uma fonte coletiva e impessoal da enunciação, passa agora a representar o seu próprio papel — o papel de jornalista responsável por um ato comunicativo —, configurando-se para o espectador como uma fonte individual e pessoal da enunciação. Configurado, do ponto de vista comunicativo, como um “não-eu” para, através desse discurso “objetivo”, atuar como um representante pretensamente “imparcial” de uma fonte coletiva da enunciação (configuração 1), o apresentador pode, agora, aparecer também no enunciado como um “eu” individual que, aparentemente, assume suas próprias posições frente aos fatos que noticia. É como se a esse *eu* enunciativo, sujeito coletivo da enunciação, fosse sobreposto um outro “eu”: o “eu” individual e pessoal colado à própria identidade do jornalista responsável pela apresentação do telejornal (configuração 2).

²Quando se analisa seqüências isoladas do telejornal, é possível observar uma constante “troca” de papéis: nas transmissões diretas exibidas no telão do estúdio, por exemplo, o repórter assume o papel de enunciador, o apresentador vira enunciatário. Porém, a análise que se propõe nesse trabalho considera sempre o telejornal como um todo, como um macro-discurso, o que permite uma descrição mais estável dos papéis enunciativos (tratamos aqui, por exemplo, o apresentador sempre como enunciador).

³“Pode-se considerar o sincretismo como o procedimento (ou seu resultado) que consiste em estabelecer, por superposição, uma relação entre dois (ou vários) termos ou categorias heterogêneas, cobrindo-os com o auxílio de uma grandeza semiótica (ou lingüística) que os reúne” (Cf. Greimas & Courtés, 1983: 426).

⁴Tratando da polifonia na enunciação em textos verbais, Ducrot prefere falar, na análise de situações semelhantes, em *eus* que remetem tanto ao porta-voz quanto à pessoa da qual é porta-voz. (Cf. O. Ducrot, 1987:185).

Configuração 1

Apresentador (narrador) → *eu* enunciativo → “não-eu” (“porta-voz”)

Configuração 2

Apresentador (narrador) → *eu* enunciativo → “eu” (“voz” própria)



5. A personalização do apresentador no SPTV

No SPTV, o sincretismo de papéis actanciais descrito anteriormente é exemplar. Embora não seja o único apresentador do telejornal, o jornalista Chico Pinheiro é quem mais apela à aparição desse “eu” individual sobreposto a um *eu* actante coletivo da enunciação. No período em que observei o SPTV, a maioria das reportagens apresentadas no telejornal e das entrevistas comandadas diretamente por ele foram pontuadas por comentários, propositadamente, na primeira pessoa. Muitos deles, não passavam de meras impressões pessoais. Muito outros, eram feitos em tom autoritário de cobrança às autoridades governamentais, de acusação direta aos políticos (“Os senhores estão sob suspeita!”) ou de conclamação à população para que reagisse a uma determinada situação. O tom e teor subjetivo da maioria desses comentários não foi, nesse período, o único recurso utilizado por Chico Pinheiro para “se colocar”, explicitamente, no discurso. Também com esse objetivo, ele parece explorar, conscientemente, suas próprias expressões faciais, valorizadas ainda mais pelo uso de enquadramentos em um primeiro plano bem fechado (os formatos mais tradicionais privilegiam o plano médio). Muitas das críticas dirigidas aos vereadores paulistanos, acusados de corrupção, eram feitas através de uma cara irônica, de um sorriso de canto de lábios ou de um olhar desconfiado dirigido ao espectador após a entrevista de um deles.

O modo como Chico Pinheiro utiliza seu próprio corpo como um meio de aparição desse “eu” individual é claramente percebida quando se observa sua postura ao substituir o apresentador titular do “Jornal Nacional”, em algumas das noites de sábado. No “Jornal Nacional”, ele limita-se a proferir os textos que introduzem as reportagens (“cabeça” das matérias), assume um ar bem mais circunspeto e é, notoriamente, mais cuidadoso nas suas expressões faciais e na manifestação de suas emoções. No SPTV, ele não apenas faz comentários bem-humorados com os colegas (são freqüentes, por exemplo, suas brincadeiras com o meteorologista do SPTV), como costuma rir, sem constrangimento, depois de algumas reportagens mais leves ou demonstrar irritação frente a outras. Sem qualquer cerimônia, ele costuma se debruçar sobre a bancada de apresentação para escutar um colega ou entrevistado, do mesmo modo que se movimenta com desenvoltura pelo estúdio ao conversar com os convidados. De pé, enquanto conversa, descontraidamente, com eles, Chico Pinheiro levanta e descansa a perna no tablado sobre o qual está instalada a bancada de apresentação, escora-se relaxado numa mureta de apoio colocada ao lado da cadeira dos convidados ou gira a sua cadeira na direção que lhe permite prestar maior atenção quando seus entrevistados aparecem no telão colocado no estúdio. A maior parte do tempo, ele parece tão à vontade no estúdio, tão “senhor” da situação e tão investido de “voz” própria que mesmo quando se preocupa em atribuir às cobranças ou críticas feitas no telejornal à população (“A cidade quer saber”!) ou à equipe do SPTV como um todo (“Nós, do SPTV, estamos de olho!”), é a Chico Pinheiro, enquanto “eu” individual, que se tributa o posicionamento do telejornal.

Na edição de 01/03/99, os resultados dessas estratégias de personalização ficaram particularmente evidentes. O SPTV conferiu, neste dia, um grande destaque à decisão da Câmara Municipal de São Paulo de colocar em votação um novo pedido de instauração de uma Comissão

Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar um esquema de propinas nas administrações regionais da capital no qual estariam envolvidos também alguns vereadores de São Paulo. As denúncias sobre o a existência de uma “máfia dos fiscais” (funcionários da prefeitura encarregados de cobrar a propina) foram deflagradas pelo SPTV que, desde então, empenhou-se abertamente na mobilização da opinião pública em favor da instauração de uma CPI. A pressão exercida pelo telejornal intensificou-se ainda mais depois que a CPI foi rejeitada numa primeira votação. Na entrevista concedida, ao vivo, na edição de 01/03/99, o vereador Antonio Goulart, representante do PMDB, um dos partidos que haviam votado contra, declara abertamente que muitos vereadores decidiram mudar de posição e votar a favor da instauração de um novo pedido de CPI “*em função do volume de fatos novos que vêm acontecendo, inclusive do eficiente trabalho do Chico Pinheiro e toda a equipe da Rede Globo*”. Sem constrangimento, Goulart chega a parabenizar Chico Pinheiro no ar.

Encerrada a entrevista com o vereador do PMDB, a apresentadora Mariana Godoy repercute a declaração do vereador, reforçando o cumprimento: “*Você ganhou parabéns, Chico*”. Ao que o apresentador responde: “*Pois é, mas a gente está só fazendo o trabalho aqui. Eles é que precisam fazer o trabalho lá, fazer direito!...Estamos tentando*”. O âncora do SPTV até que se esforça para dividir o reconhecimento pela participação decisiva na mudança de opinião dos vereadores com toda a equipe — e , de certo, até com o telespectador, através do emprego de um “nós” inclusivo. Mas é, sem dúvida, ao *jornalista* Chico Pinheiro, indivíduo singular que encarna a figura do *apresentador* do SPTV, que se atribui o mérito de um fazer pragmático. Nessa situação, o seu próprio papel pessoal, o de jornalista que responde pela condução do telejornal, é o que se sobressai sobre todo os outros que, conjuntamente, definem o que designei aqui como *broadcaster*. Sintaticamente, tudo se passa como se, do conjunto de vozes” que definem, no telejornal, um sujeito coletivo da enunciação, acabasse por se destacar uma única “voz”, sendo a ela atribuída a fonte da enunciação.

Não é difícil flagrar situações no SPTV nas quais se define este tipo de estratégia. Ela se configura sempre que o próprio Chico Pinheiro ou qualquer um dos delegados do sujeito enunciador (apresentadores, repórteres, enviados especiais etc.) diz, explicitamente, “eu”: seja emitindo uma opinião, um juízo valorativo ou uma manifestação indignada sobre determinados acontecimentos; seja relatando experiências ou até vivências de caráter pessoal (acontecimentos atribuídos ao jornalista, e não, ao apresentador ou repórter). Grande parte das reportagens do SPTV são acompanhadas por comentários enfáticos dos apresentadores introduzidos ou pontuados por expressões do tipo: “***Eu** pensava que...*”, “***Eu** tinha esperança que...*”, “***Você** que é pai, **como eu**...”*”, “***Eu** quero dizer que...*”, “***Eu** não tinha a menor idéia...*”, “***Eu** me lembro...*”, “***Eu** não estou dizendo que...*”, “***Eu** quero saber é se...*”, “***Eu** fico de olho aqui...*”, “***Eu** quero sugerir...*”, só para citar alguns exemplos.

No SPTV, a construção do discurso em primeira pessoa não se limita nem à performance dos apresentadores, nem apenas ao emprego dos dêiticos. O telejornal abre espaço para o mesmo tipo de procedimento entre os repórteres ao ponto de manter um quadro fixo com o jornalista Márcio Canuto, que se auto-proclama “fiscal do povo”. Repórter especial do SPTV, Canuto possui um tipo físico que foge completamente aos padrões dos repórteres da Rede Globo (é gordo, barrigudo, fala muito alto, quase gritando), é espalhafatoso, brincalhão e exagera no sotaque e nos trejeitos de alagoano. Por mais sério que seja o assunto, suas reportagens possuem sempre um tom cômico. A exploração que ele faz do seu próprio porte físico e temperamento já configuram, por si só, uma tentativa de afirmação pessoal, de dizer “eu”. Mas, ele vai mais longe. Suas reportagens são sempre pontuadas por referências a si próprio e um exemplo particularmente interessante disso foi a matéria exibida no dia 19/03/99. Neste dia, “o fiscal do povo” aparece mostrando os problemas de infra-estrutura da Rua Canuto Luiz do Nascimento. Como se trata do seu sobrenome, o repórter monta toda a reportagem com alusões à família Canuto. Numa clara alusão a conhecida valentia dos alagoanos e às suas próprias origens, o repórter chega a comentar, após cobrar soluções da

administração regional para os problemas da rua, que “*promessa é dívida, principalmente quando envolve a família Canuto*”. Ele encerra a reportagem entrevistando um morador da rua que, não por acaso, também possui o sobrenome Canuto. Uma boa parte da matéria é dedicada às especulações sobre um eventual parentesco dos dois até que, por fim, Márcio Canuto conclui: “*a gente pode não ser da mesma família, mas não deixa de ser irmão nordestino*”.

No período em que observei o SPTV, a (con) fusão deliberada ou a indistinção entre os papéis actanciais envolvidos no circuito enunciativo do telejornal mostrou-se ainda mais intensa quando alguns repórteres, assumindo provisoriamente o papel de apresentadores do telejornal, esforçavam-se para imprimir também sua “marca pessoal” no comando do telejornal. Foi assim, por exemplo, no SPTV apresentado pelos repórteres Britto Jr. e Priscila Brandão em 20/02/99⁵. Esta edição foi a do sábado seguinte aos feriados do carnaval e o noticiário empenhou-se, através de várias entradas *ao vivo*, em criar a expectativa para o desfile das escolas de samba campeãs, à noite, no sambódromo paulista. O desfile das campeãs foi apresentado como um dos melhores programas para o fim de semana e, despidendo-se do papel de apresentadores, Priscila Brandão e Britto Jr., esforçavam-se por parecer apenas cidadãos paulistanos preocupados também em ter informações sobre o acesso ao sambódromo: “*Tem ingresso? Estou preocupado porque ainda não comprei o meu...*”, perguntava o apresentador Britto Jr. introduzindo a participação *ao vivo* da enviada especial ao sambódromo. Ao longo de todo o SPTV, as transmissões diretas do sambódromo foram pontuadas por comentários de caráter pessoal dos dois apresentadores sobre seus próprios programas para o fim de semana e sobre suas próprias experiências como repórteres durante os desfiles das escolas de samba.

— “*Você já tem programa para o fim de semana?*”, perguntou, em determinado momento da transmissão, Priscila Brandão ao colega Britto Jr., que respondeu: “*Vou descansar um pouquinho porque este carnaval me deixou meio cansado. Mas, com certeza, vou para o desfile das campeãs no sambódromo...*”. Mais adiante, depois de uma entrada *ao vivo* de Abigail Costa no sambódromo, Britto Jr. emenda: “*Você chegou a ficar surda quando saiu do sambódromo?*”, perguntou à Priscila Brandão que havia participado, como ele, da equipe que cobriu o desfile das escolas de samba. “*Completamente! Levei dias para me recuperar*”, respondeu ela. Britto Jr. complementou: “*Foram três dias zimm... Mas agora está tudo bem*”, explicou o apresentador levando a mão à orelha e imitando o zumbido que escutava depois do convívio por 48 horas com o barulho ensurdecido do sambódromo. Não satisfeito, Britto Jr. aproveita até a chamada da previsão o tempo para fazer mais um comentário em que há uma referência clara a um “eu” individual: “*Aliás, fazendo aqui um agradecimento a São Pedro porque já fiz muitos carnavais pela Globo e todo carnaval eu chegava em casa molhado*”. “*Ou então com aquela capinha cinza...*”, acrescentou Priscila Brandão, fazendo alusão a capa de chuva usada, obrigatoriamente, pelos repórteres da Globo neste tipo de situação. “*Exatamente! Horrível... Aquela coisa deprimente, o tênis molhado, meia... você sabe como é...*”, complementou Britto Jr.

Quando os âncoras Chico Pinheiro e Mariana Godoy comandam o SPTV, os comentários em tom pessoal não chegam a ter este caráter de “conversa de coleguinhas” nos bastidores, mas há também freqüentes alusões às suas próprias experiências individuais e aos seus sentimentos. Tanto podemos nos deparar, numa edição do SPTV, com uma observação de Chico Pinheiro sobre a vacina que tomou contra gripe, ao apresentar uma matéria sobre a vacinação de idosos, quanto com um comentário de Mariana Godoy sobre sua dificuldade para encontrar quem costure suas roupas ao entrevistar um grupo de alfaiates numa homenagem, feita pelo SPTV, a estes profissionais⁶.

⁵Tratava-se de uma edição de sábado. Com a folga de Chico Pinheiro e Mariana Godoy, no final de semana, a edição do sábado costuma ser apresentada, em sistema de rodízio, por uma dupla de repórteres.

⁶Chico Pinheiro também costuma fazer, no ar, brincadeiras ou perguntas de caráter pessoal com os colegas do próprio SPTV e do Jornal Hoje (JH), que tem os destaques do dia divulgados diariamente dentro da edição local. Nas conversas, em tom sempre muito coloquial, com Carlos Nascimento, apresentador do JH, Chico Pinheiro já tratou do seu imposto de renda, da sua entrada ainda bem jovem no mercado de trabalho, das preferências de ambos no futebol. Ao tratar do problema da moradia em São Paulo, Mariana Godoy já chegou até a contar episódios ocorridos com sua faxineira.

Comentários dessa natureza parecem introduzir, aqui, uma instância a mais de identificação a ser considerada no processo enunciativo. Se concordamos que, ao dizer explicitamente “eu”, o apresentador se configura como uma fonte individual da enunciação, é preciso admitir também que, ao fazer agora uma referência direta a si próprio, ele evidencia ainda mais sua estratégia de personalização. Se tal estratégia configurava-se, basicamente, a partir de uma correspondência imediata entre o sujeito enunciador (*broadcaster*) e sua figurativização (o âncora do telejornal), pode-se dizer que, com comentários que remetem à sua vida particular, o apresentador estabelece, agora, uma deliberada (con) fusão entre o seu papel social — o de âncora de um telejornal — e a sua identidade pessoal — um indivíduo com suas próprias opiniões, gostos, sentimentos e vivências⁷.

Na edição do dia 24/02/99, ele lembra que transmitiu o SPTV do dia 18/02/99 de um cemitério e confia as suas impressões ao presenciar o enterro de dois menores momentos antes de entrar no ar. Em pelo menos três outras das edições gravadas, Chico Pinheiro também contou a Mariana Godoy episódios que viveu quando apresentava o “Bom dia São Paulo”, o telejornal da Rede Globo exibido às sete da manhã, envolvendo entrevistados com os quais se defrontava agora no SPTV-1a. Edição. Foi assim, por exemplo, na edição de 23/02/99, quando relembrou no ar um episódio envolvendo o Vicentinho, presidente da CUT e um dos mais importantes sindicalistas do Brasil, que acabara de ingressar na universidade para cursar direito. Vicentinho, que tem origens humilde, foi apresentado como exemplo de força de vontade, pois só conseguiu concluir o segundo grau, estudando num curso supletivo transmitido pela televisão: “*É Mariana, eu me lembro que um dia eu convidei para o Bom Dia São Paulo, que é muito cedo, achei que ele estava com preguiça, que não queria vir. Ele chegou e disse: eu demorei um pouco porque estava assistindo ao Telecurso da TV Globo e eu não queria perder a aula de hoje*”.

Neste episódio em que relembra suas experiências profissionais na Rede Globo, assim como em outros nos quais faz referência a sua própria performance, o que Chico Pinheiro constrói é uma nítida identificação entre o apresentador (representante) e o jornalista (indivíduo singular), numa clara tentativa de humanização do primeiro através de uma referência ao segundo. Esta identidade entre sujeitos de distintas instâncias enunciativas nada mais é que o já mencionado sincretismo de papéis através do qual se confere ao apresentador a credibilidade do jornalista e ao jornalista, o prestígio do apresentador. No SPTV de 02/03/99, Chico Pinheiro deixa bem claro a comodidade advinda desse jogo de papéis: quando a posição do apresentador é posta em questão, sua condição de jornalista é imediatamente invocada como argumento de autoridade, mas é investido do papel de apresentador do principal telejornal de São Paulo que ele enfrenta com dureza, em outro momento, o prefeito da cidade, Celso Pitta.

O ilustrativo episódio do desentendimento entre Pinheiro e Pitta ocorreu um dia depois de São Paulo ter enfrentado uma das piores enchentes da década, com centenas de ruas alagadas e o principal túnel do centro da cidade, o do Anhangabaú, quase submerso. Estimulado pelas imagens chocantes de carros sendo arrastados e pessoas correndo risco de afogamento, Chico Pinheiro perguntou ao prefeito, numa entrevista *ao vivo*, se ele via alguma relação entre a lama que tomava conta da cidade depois da enchente e a lama que tomava conta da câmara municipal diante das denúncias de corrupção nas administrações regionais⁸. Irritado, Celso Pitta defendeu-se acusando o apresentador de estar fazendo ironia com um assunto sério. “*Só na sua cabeça pode haver esta ligação*”, propondo-se em seguida a dar resposta ao que chamou de ironia. Cortado o *link* com a prefeitura, Chico Pinheiro retoma a palavra no estúdio: “*O que o prefeito chama de ironia, eu*

⁷A preocupação com o sujeito empírico responsável pela produção do discurso já começa a ser incorporada à problemática da enunciação. No campo da linguagem verbal literária, José Luiz Fiorin propõe que se incorpore a instância do autor à problemática enunciativa através de análises sobre a “imagem do enunciador” que emergiria do conjunto de sua obra. Poderíamos, por exemplo, identificar e descrever uma “imagem de Machado de Assis”, construída pelo conjunto da obra desse famoso escritor brasileiro, sem nos preocuparmos, no entanto, com o Machado de Assis de “carne e osso” (essa hipótese foi formulada em uma das reuniões de trabalho do Centro de Pesquisas Sociosemióticas, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 28/03/2000).

⁸É bom lembrar que, até a enchente, a corrupção na Câmara Municipal era o principal tema das edições do SPTV.

chamo de informação”, diz o jornalista explicando, logo em seguida, porque ele vê uma relação entre o descaso da administração regionais e as dramáticas conseqüências da enchente. Ele encerra o comentário reafirmando enfático: *O prefeito chama de ironia, mas a gente reitera que, para nós, jornalistas, isso se trata de informação*”.

Poucos dias antes, na edição de 24/02/99, o mesmo Chico Pinheiro já havia acusado o prefeito Celso Pitta de ficar em “cima do muro” (não tomar posição) frente às denúncias de corrupção nas administrações regionais. Ao que parece, o prefeito Celso Pitta cobrou, nos bastidores, uma atitude mais respeitosa do jornalista. Tanto assim que na edição do dia seguinte (25/02/99), Pinheiro foi obrigado a admitir que “*não foi minha intenção, não foi nossa intenção, desqualificar o prefeito Celso Pitta como político ou cidadão*”, pois afinal, quem tem poderes para desqualificar qualquer político, argumentou o apresentador, é apenas o eleitor. Antes porém, Chico Pinheiro já havia constrangido não só o prefeito, mas todas as autoridades envolvidas nas denúncias de corrupção nas administrações regionais, a não confundir “*o exercício do jornalismo que fazemos com perseguição*”.

Fica bem claro neste episódio uma confusão tão grande nos papéis enunciativos — o apresentador se coloca como um “eu” individual, ora como um *eu* coletivo — que o próprio prefeito parece não saber bem a quem dirigir suas críticas. Quando Celso Pitta diz que a ligação entre a lama das enchentes e da corrupção “só existe na cabeça” de Chico Pinheiro, ele isenta de sua acusação um actante coletivo da enunciação (o *broadcaster*) de quem o próprio apresentador é um representante. Sua irritação dirige-se, individual e pessoalmente, ao jornalista Chico Pinheiro e tanto é assim que, logo depois de considerar a comparação feita pelo apresentador como descabida (uma “ironia”, nas palavras do prefeito), Celso Pitta faz questão de lembrar que a TV Globo vem acompanhando o “trabalho sério” da prefeitura no combate à corrupção. Com esta ressalva, o que Celso Pitta faz, na entrelinhas, é separar a postura do jornalista Chico Pinheiro da posição da TV Globo, numa tentativa sutil de desqualificá-lo como “voz” delegada de um sujeito coletivo da enunciação (*broadcaster*). Chico Pinheiro, por sua vez, reflete, nesse episódio, uma tensão intrínseca à incorporação de diferentes *eus* na condução do SPTV: ora fala por si (posiciona-se como um “eu”), ora fala por si e pelos outros (posiciona-se como um “nós”), ora fala pelos outros (posiciona-se como um “não-eu”). Nas duas primeiras situações — freqüentes no SPTV, mas raras em outros telejornais —, coloca a si mesmo como sujeito do enunciado, contribuindo em maior (quando diz “eu”) ou menor (quando diz “nós”) para uma personalização do apresentador⁹.

O processo de personalização, decorrente dessa confusão de papéis, é tão marcante que, em muitas reportagens, não é mais à audiência que as autoridades se dirigem para prestar contas. É diretamente ao jornalista Chico Pinheiro que fazem suas promessas ou assumem compromissos. Este tipo de situação é particularmente freqüente no já mencionado quadro reservado às queixas da comunidade. No SPTV de 05/03/99, por exemplo, o assessor da secretaria de educação de São Paulo negocia no ar, com o próprio Chico Pinheiro, e não com a comunidade, um cronograma de obras de saneamento numa escola municipal do Butantã. No SPTV de 02/03/99, três dias antes, o exemplo é ainda mais revelador. Foram convidados ao estúdio vários paulistanos, que haviam perdido tudo numa grande enchente que vitimou São Paulo na véspera, além do secretário das administrações regionais, Domingos Dissei. Mas, quando promete realizar estudos conjuntos na bacia hidrográfica de São Paulo para evitar alagamentos como os que a cidade viveu depois da tempestade do dia anterior, não é aos paulistanos que estão no estúdio, nem ao espectador que está em casa, que o secretário Domingos Dissei se dirige. É ao apresentador do SPTV que o secretário

⁹O SPTV também costuma colocar o espectador no lugar dos sujeitos do enunciados. Um exemplo desse procedimento pode ser observado na edição de 05/03/99, quando o apresentador Chico Pinheiro introduz a matéria sobre a execução de três adolescentes pela PM: “Por que três adolescentes **que podem ser seus filhos, meus** filhos, irmãos... por que motivos foram executados?” Na edição 25/02/99, um comentário de Chico Pinheiro sobre o mesmo assunto, o apresentador já apelava para a mesma estratégia: “É difícil imaginar uma situação mais terrível para os pais. **Você que é pai** sabe disso, **eu** também sei (...)”.

promete “*resolver tudo com seriedade, com bastante transparência, como você gosta, Chico Pinheiro*”.

Visivelmente constrangido, Chico Pinheiro se apressa em atribuir a cobrança de providências a um sujeito enunciador coletivo: “*A cidade quer isso!*”, diz ele, ao que o secretário das administrações regionais replica: “*Você como repórter a representa!*” A óbvia constatação do secretário das administrações regionais deixa bem às claras, no interior do discurso do próprio SPTV, outra das suas estratégias fundamentais para construir esta empatia com o audiência: a tentativa do sujeito enunciador de se colocar no “lugar” do sujeito enunciatário. Isso ocorre sempre que o apresentador “fala” como se falasse pelo espectador ou quando o SPTV “fala” como se falasse pelos moradores e cidadãos de São Paulo. Trata-se agora não mais de um sincretismo de papéis entre distintas instâncias enunciativas — sujeitos do enunciado e sujeitos da enunciação —, mas de um imbricamento de papéis entre sujeitos de uma mesma instância enunciativa (a do enunciado) — o enunciador e o enunciatário.

Considerando o telejornal como um todo, observa-se que o recurso mais utilizado para “subverter” os papéis ou os “lugares” (posições sintáticas) dos sujeitos enunciador e enunciatário é o emprego de embreagens actanciais. Entre elas, a mais comum é a substituição da primeira pessoa do singular pela primeira do singular através do emprego pelo apresentador do “nós” inclusivo. Sintaticamente, o que significa “nós”? A junção de um “eu” com um “tu” (eu + tu). O emprego pelo apresentador do SPTV da primeira pessoa do plural no lugar da primeira do singular atendeu a pelo menos dois objetivos: 1) o apresentador usou o “nós” para incluir a “voz” do enunciatário na do enunciador, obrigando, portanto, o primeiro a assumir o texto com o segundo, sugerindo, através disso, uma cumplicidade entre os dois (Cf. Fiorin, 1996:96); 2) o apresentador usou o “nós” porque não pretendia, naquele momento, se manifestar como um indivíduo que fala em seu próprio nome, mas em nome dos moradores de São Paulo, reforçando, com isso, sua própria autoridade.

Seja para reforçar a autoridade de sua “fala”, seja para forçar a cumplicidade do espectador, com o emprego do “nós”, o apresentador faz questão de colocar-se no mesmo espaço enunciativo dos seus interlocutores. Semanticamente, o resultado disso é uma sensação de parceria que, sintaticamente, é obtida com a construção de um sujeito da enunciação coletivo (enunciador + enunciatário). Não faltam exemplos desse tipo de estratégia no SPTV: “*Nós queremos justiça!*” (25/03/99), “*É o que a gente¹⁰ pode fazer*” (25/03/99), “*(Nós) Não vamos dar trégua no que diz respeito ao interesse público*” (25/03/99), “*...a corrupção nos envergonha...*” (24/02/99), “*Como é que nós vamos resolver isso?*”, “*(...) Vamos relaxar um pouquinho...*” (27/02/99). O mesmo efeito de cumplicidade com as fontes e envolvimento com os fatos é obtido pelo apresentador quando, entrevistando o promotor responsável pelo acompanhamento das investigações de corrupção nas administrações regionais, o jornalista Chico Pinheiro emprega o “nós” no lugar da terceira pessoa (você/vocês): “*A gente vai ter muito trabalho esta semana, não é Dr. Blat?*” (SPTV, 01/03/99), perguntou o apresentador como se fizesse parte da própria equipe de investigação.

6. Considerações finais

A grande aceitação desse novo formato do SPTV parece ser um indicativo de que a credibilidade do telejornal já não se mede mais pelo peso do testemunho, mas por sua capacidade de criar o espaço necessário à valoração e ao questionamento das notícias que chegam ao espectador em profusão e frente às quais ele, geralmente, tem dificuldades de avaliação (Cf. Verón, 1995: 88). Este novo papel assumido pelo apresentador (âncora) produz agora um contrato de veridicção (um *crer-verdadeiro*) que não se baseia mais em estratégias para mascarar o fato evidente de que toda produção de linguagem emana de alguém e se dirige a alguém para falar de alguma coisa. É, em

¹⁰A expressão “a gente” (uso mais popular) possui, em português, o mesmo sentido que “nós” embora, sintaticamente esteja na terceira pessoa do singular

suma, um ato de subjetividade. Não se pretende mais confundir uma pretensa “neutralidade” ou “imparcialidade” jornalística com uma objetivação do texto que, nos discursos verbais, corresponde a supressão de qualquer marca da presença do sujeito enunciador no enunciado. O tipo de credibilidade que se atribui aqui ao âncora não impede uma postura interpretativa declarada do enunciador frente aos fatos noticiados. Pois, o atributo de “verdade” que se confere ao discurso ou o “efeito de verdade” produzido pelo discurso é, agora, proporcional à credibilidade que o espectador deposita do telejornal.

Essa credibilidade é, antes de mais nada, fruto de um contrato fiduciário (uma relação de confiança) entre um enunciador e um enunciatário sustentado por situações, como as descritas aqui, nas quais papéis actanciais propositadamente se “misturam” em prol da humanização dos apresentadores. Através dessas mais diversas estratégias de personalização, o apresentador passa a ser encarado pelo público como alguém ainda mais familiar, alguém de quem ele conhece até alguns aspectos da vida, das experiências, das opiniões e preferências pessoais. Nessa condição, parece ser também ainda mais fácil, para o telespectador, enxergar no apresentador de um telejornal, nos moldes do SPTV, um “cidadão comum” que, como ele, toma vacina contra gripe, não esconde a ansiedade com os dias de folga e tem problemas com o alfaiate ou com a costureira. Se o apresentador é, assim, alguém que lhe parece até disposto a fazer certas “confidências”, deve ser também um indivíduo que, na sua aparente franqueza, é merecedor também da sua confiança. Todas as estratégias de personalização nada mais fazem do que produzir efeitos de sentido que se traduzem, no final, na construção de uma relação de identificação e empatia entre o telejornal e o seu público.

No caso específico do SPTV, observa-se, inicialmente, que esta relação de empatia é um resultado direto de estratégias discursivas que permitem a aparição do apresentador não apenas como o “porta-voz” de um *eu* coletivo e impessoal, mas também como um “eu” individual e passional dotado de “voz” própria. Em outros termos: não se trata mais aqui de um apresentador que, embora ainda deva ser entendido como o delegado mais imediato de um sujeito coletivo da enunciação, não pode ser tomado apenas como seu representante — um “não-eu”, se levarmos em conta o modo como aparece no enunciado. Temos aqui, ao contrário, um apresentador que se constrói nesse imbricamento entre uma posição semiótica (um apresentador que é delegado do sujeito da enunciação), um papel social (o âncora do SPTV) e sua identidade pessoal (o jornalista Chico Pinheiro). A estratégia de personalização decorrente dessa sobreposição de instâncias produz, num primeiro momento, efeitos inequívocos de proximidade entre o apresentador e público que tendem, num segundo momento, a se desdobrar numa identificação ideológica entre os dois: seja através do seu apelo emocional ou passional, seja por desencadear um novo jogo de papéis no qual o primeiro se coloca, repetidamente, no “lugar” do segundo.

Não se pode desconhecer, ainda que fugindo aos limites de uma análise semiótica, os riscos envolvidos numa exagerada personalização: conferindo a si próprio a responsabilidade e a legitimidade da interferência nas situações que caberia ao espectador-cidadão, este apresentador-jornalista pode facilmente ser transformado numa espécie de “advogado do povo” ou de “defensor dos fracos e oprimidos”. Mais que nos telejornais, este é um tipo de postura que se observa mais freqüente e explicitamente em outros programas da televisão brasileira, já apontados como notórios exemplos de telepopulismo, tais como “Programa do Ratinho” (Sistema Brasileiro de Televisão - SBT) e “Leão Livre” (Rede Record)¹¹. Há, evidentemente, uma enorme diferença entre os temas grotescos levados ao ar por programas dessa natureza, exibidos em emissoras de TV de apelo mais

¹¹O projeto comunicativo do “Programa do Ratinho” e do “Leão Livre” (um herdeiro direto do estilo do primeiro) é o mesmo: os apresentadores apresentam casos de apelo dramático ou bizarro, protagonizados por pessoas de baixa renda e para os quais o programa se propõe a encontrar uma solução, seja apelando para às autoridades constituídas, seja recorrendo a solidariedade da população. É muito comum, por exemplo, a apresentação de pessoas com doenças raras que não possuem dinheiro para pagar o tratamento médico. São muito freqüentes também os casos de pessoas pedindo ajuda dos programas para resolver questões policiais e/ou judiciais.

popular, e um telejornal, veiculado pela poderosa Rede Globo, que investe em assuntos de inequívoco valor social, como a corrupção. Há, porém, um tipo de estratégia discursiva que, embora servindo a propósitos completamente diferentes, pode vir a ser comum aos apresentadores de todos eles: a tentativa de exercer, legitimado pela empatia construída com o público, o papel de pretenso mediador de conflitos político-institucionais, fazendo agora da própria televisão — comandada, no Brasil, por grandes grupos privados — um novo espaço de articulação dos problemas da esfera pública e social. Este, no entanto, é um problema que não compete mais à semiótica, muito embora tenha nela um importante ponto de partida para discussão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUCROT, Oswald (1987). **O dizer e o dito**, Campinas, Pontes.
- FIORIN, José Luiz (1996). **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoas, espaço e tempo**, São Paulo, Ática.
- GREIMAS, Algirdas Julien & COURTÉS, Joseph (1983). **Dicionário de semiótica** (trad. port. Alceu Amoroso Lima et al.), São Paulo, Cultrix.
- LANDOWSKI, Eric (1999). “Diana, in vivo”, in O. Quezada Macchiavello (ed.), **Froteras de la semiótica. Homenaje a Desiderio Blanco**, Universidad de Lima/ Fondo de Cultura Económica-Perú, Lima.
- VÉRON, Eliso (1995). **Construir el acontecimiento** (trad. espanhola de Beatriz A. de Lonné e Horacio Verbitsky), Barcelona, Gedisa Editorial.